

# RUY FABIANO

27 ABO 1996

## Sem compromissos

CORREIO BRAZILIENSE

Quando começou a cogitar de sua sucessão, no início de 1994, Itamar Franco não pensou inicialmente em Fernando Henrique, seu ministro da Fazenda. A chapa que então lhe ocorreu — e que teria sido a definitiva, não fosse a desistência dos indicados — era Antonio Britto (seu ministro da Previdência) e Luís Eduardo Magalhães.

Britto desfrutava de popularidade, por ter sido, na Previdência, o ministro dos aposentados. Teve a sorte de suceder à gestão Collor, que negou sistematicamente reajustes previstos em lei aos aposentados, motivando passeatas de protesto em todo o país. Bastou a Britto cumprir a lei para tornar-se herói nacional. Parte de seu êxito, pois, deve-o paradoxalmente à administração Collor.

Luís Eduardo, por sua vez, consolidaria a aliança conservadora com o PFL. Antonio Britto, porém — e para surpresa geral —, foi ao presidente declinar do convite. Disse-lhe, com inesperada franqueza: “Não tenho maturidade para ser presidente da

República. Prefiro governar o Rio Grande e, depois, se ainda houver chances, posso então disputar a Presidência”. Luís Eduardo, por sua vez, não quis ser vice.

Itamar, há dias, lembrou essa história a um amigo. E o fez para insistir num ponto de vista, que repete com obsessão: que, naquela oportunidade, tivesse o seu apoio — e pelo simples fato de tê-lo — seria eleito presidente da República. Tradução: Fernando Henrique lhe deve a vitória que teve. Há algum fundamento no que ele diz.

Sabe-se que o grande vitorioso nas eleições presidenciais de 94 não foi a pessoa física do candidato, nem seu partido, mas o Plano Real. Fernando Henrique, antes do Real, não tinha expectativas de sequer se reeleger senador. Tentaria eleger-se deputado federal.

É bem verdade que, na qualidade de gestor do Plano Real, tornou-se também popular e vinculou sua imagem àquele processo. Mas o credor direto de seu prestígio, junto à população, era o presidente da República, sem o qual

não haveria o Plano e ele, Fernando Henrique, não seria ministro e muito menos candidato.

No primeiro contato entre ambos a respeito do assunto, após a desistência de Britto, Fernando Henrique reagiu com efusividade. Anteviu o fácil triunfo, dado o sucesso popular do real. Tudo se resumia em administrar sua sucessão no ministério e em vincular sua vitória à continuidade do Plano. Tudo isso, claro, dependia do presidente.

Na ocasião, teria dito a Itamar: “Você me apóia agora e eu retribuo daqui a quatro anos”. Foi uma mera frase, dita sem intenção de compromisso e que, portanto, não configura nada. Mas reforça o argumento de Itamar de que não se cogitava nem remotamente de reeleição.

Por isso, o ex-presidente sentiu-se inteiramente descompromissado com seu ex-ministro da Fazenda. Pode não se candidatar ou mesmo não ter candidato. Sabe, porém, que em nenhuma hipótese sufragará o nome de Fernando Henrique. Não nesta sucessão.